Organização Mundial do Comércio

Brasileiro na diretoria-geral

A NOTÍCIA de que o embaixador brasileiro Roberto Carvalho de Azevêdo assumirá o cargo de diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC) foi muito bem recebida pelo agronegócio brasileiro. Na condição de terceiro maior exportador de produtos agropecuários, com as perspectivas de se consolidar ainda como forte protagonista global nesta área, o Brasil terá de conviver com embates comerciais. A década passada já foi um bom exemplo disso, com os contenciosos, por exemplo, nos casos do açúcar com a União Europeia e do algodão com os Estados Unidos.

Primeiro brasileiro e latino-americano a comandar o órgão, Roberto de Azevêdo disputou e venceu, no mês passado, a eleição com o mexicano Herminio Blanco. Com início em setembro próximo, o mandato para ser cumprido é de quatro anos. Criada oficialmente em 1º de janeiro de 1995, com o Acordo de Marrakech, em substituição ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), que começou em 1948, a OMC, com 159 países-membros, pretende supervisionar e liberalizar o comércio internacional. A sua sede é em Genebra, na Suíça, com uma equipe de colaboradores com mais de 600 pessoas.

O brasileiro contou com o apoio do grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), além dos países de língua portuguesa e de várias nações na América Latina, Ásia e África. O vencedor precisa ter um mínimo de oitenta votos dos 159 países integrantes e obter o consenso entre as nações. A escolha é feita em três etapas. O processo de eleição começou no final de março, com nove candidatos. No final de abril, a OMC comunicou que tinham passado à fase final apenas os candidatos do Brasil e do México.

De pronto, seu grande desafio será resgatar a Rodada de Negociação de Doha, iniciada em setembro de 2003. Esta conferência ministerial foi suspensa em julho de 2006 e teve sua retomada frustrada em junho de 2007. Em discussão, estão os acordos para ampliação das condições de acesso aos mercados, cortes efetivos nos subsídios à produção e o fim dos subsídios à exportação.

Pascal Lamy, que, desde setembro de 2005, comandou a diretoria-geral da OMC, anunciou, em 2008, que, mais uma vez, as negociações da Rodada do Desenvolvimento de Doha fracassaram: "Os países não conseguiram resolver os impasses sobre a redução dos subsídios agrícolas e das tarifas de importação de produtos industrializados". Para ele, as diferenças em fatores macroeconômicos, e não as políticas comerciais, são as principais causas dos desequilíbrios entre os balanços externos dos países.



Elza Fiúza/ABr

Roberto Carvalho de Azevêdo

A partir do estouro da crise financeira global, em 2008, o ritmo de crescimento do comércio mundial diminuiu. Registrou 5,2% em 2011. A taxa apurada em 2012, de 2%, correspondeu ao menor resultado da série histórica iniciada em 1981. Para a OMC, a previsão é de que a expansão continuará lenta em 2013, em torno de 3,3%.

Roberto de Azevêdo considera estratégica, para a Rodada de Doha, a conferência ministerial de Bali, que ocorrerá em dezembro próximo. "Os membros da OMC estão cientes de que precisamos de um mapa do caminho, em Bali, para conduzir a Rodada a uma solução, e não podemos deixar passar essa janela de oportunidade", afirma. Com ação rápida e precisão, ele pretende avançar nos temas em que o consenso está mais próximo e, ao mesmo tempo, lançar as bases para negociar as questões de maior sensibilidade. ■

Currículo e experiência

Diretamente envolvido em assuntos econômicos e comerciais há mais de vinte anos, diplomata de carreira, o embaixador desde 2008 Roberto de Azevêdo é o representante permanente do Brasil na OMC. Foi chefe do Departamento Econômico do Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty, de 2005 a 2006, tendo liderado a delegação brasileira nas negociações da Rodada Doha da OMC sobre liberalização de mercados.

Um dos vinte e três países signatários do GATT, em 1947, o Brasil é membro fundador da OMC. A atuação internacional brasileira sempre pautou a defesa do multilateralismo e das instituições. Foi como embaixador do Brasil que Roberto de Azevêdo pôde adquirir conhecimento das disciplinas e dialogar com representantes de todos os países-membros, participando do núcleo central das negociações em todas as suas etapas.